



**“Con los consuelos de la religión como es su oficio”: a atuação
jesuítica entre a ciência médica e a caridade necessária – América
Meridional (Século XVIII).**

Roberto Poletto*

Resumo: Com base na análise das Cartas Ânuaas da Província Jesuítica do Paraguai de 1714-20, 1720-30 e 1730-35, este artigo apresenta evidências de concepções e procedimentos terapêuticos da medicina hipocrático-galênica e de saberes e práticas mágico-religiosos na atuação de missionários jesuítas encarregados das *artes de curar*. A busca constante por legitimação tanto de suas atividades cotidianas como das curas milagrosas parece indicar que no século XVIII as ações missionárias já não podiam ser explicadas de maneira exclusivamente teológica. Tais fatores apontam para a inexistência de um antagonismo entre Ciência e Religião nas atividades desses religiosos, durante o período em questão.

Palavras- Chave: Cartas Ânuaas. Religião. Ciência.

Abstract: Based on the analysis of the *Cartas Ânuaas* from the Jesuitical Province of Paraguay of 1714-20, 1720-30 and 1730-35, this article presents evidences of conceptions and therapeutic procedures of hipocratic-galenical medicine as well as knowledge and magical-religious practices in the acting of Jesuits missionaries in charge of *healing arts*. The constant search for legitimacy both to their daily activities as the miraculous cures seems to indicate that in the eighteenth century missionary actions could no longer be explained exclusively by theological way. These factors point to an absence of an antagonism between Science and Religion in the activities of these religious, during the period in question.

Key- Words: Cartas Ânuaas, Religion. Science.

Introdução

Fundada em 1539, a Companhia de Jesus surgiu em meio às tantas ações tomadas pela Igreja Católica em resposta ao avanço do protestantismo na Europa, no movimento de

* Bolsista CNPq no mestrado em História da Unisinos. Trabalha com ênfase nas práticas de cura e de escrita na Província Jesuítica do Paraguai.



reação que ficou conhecido como Contra Reforma¹. Com uma noção de obediência exclusiva ao Sumo Pontífice, a ordem fundada por Ignacio de Loyola² logo assumiu papel relevante na divulgação da Palavra de Deus nas terras recém- descobertas tanto no Oriente, como nas Índias Ocidentais³.

É especialmente necessário termos presente que a atuação missionária dos jesuítas se iniciou antes mesmo de as Constituições da Companhia, redigidas por Loyola⁴, terem ficado prontas, o que demonstra que a Ordem se construiu em boa medida a partir da prática de suas ações. Com membros espalhados por todo o mundo, a correspondência ocupou desde muito cedo um papel central no *modus operandi* da Instituição. Ao abordar a temática da correspondência epistolar, Alcir Pécora ressalta tal realidade: “Desde os anos do noviciado até o exercício dos principais cargos de governo, passando naturalmente pelos ministérios e missões, tudo é lugar onde a arte epistolar encontra funções bem definidas e relevantes a cumprir.” (PÉCORA, 1999, p. 380)

Da correspondência produzida pelo próprio Ignacio de Loyola é possível apreender algumas daquelas que se tornaram normativas da Companhia de Jesus. Em carta enviada ao padre Pedro Fabro, no ano de 1542, que se encontrava em missão na Alemanha, Loyola determinava que as correspondências fossem divididas entre uma carta principal de conteúdo edificante e que todos pudessem ler, e que nas chamadas cartas *hijuelas* fossem enviadas as notícias de caráter particular. Essa preocupação com o que se escrevia – e com o que se deixava por escrito – fica expressa na seguinte advertência feita pelo fundador da Companhia: “[...] a escritura permanece e dá sempre testemunho e não se pode corrigir bem nem interpretar tanto facilmente como quando falamos⁵ [...]” (LOYOLA apud RODRIGUES, 2010, p. 10)

¹ Caracterizou-se por um movimento interno da Igreja Católica surgido em reação ao protestantismo iniciado por Lutero. Entre as diversas atitudes tomadas, Mireille Baumgartner destaca três pontos: “a Inquisição, a Companhia de Jesus, o concílio.” (BAUMGARTNER, 2001, p.243)

² Ignacio de Loyola nasceu em 1491 e faleceu em 1556. Escreveu as obras fundacionais e que regem a Companhia de Jesus, tais como as Constituições da Companhia e os Exercícios Espirituais.

³ É fundamental termos presente que os territórios recém descobertos foram encarados pela Igreja, desde o início, como espaços onde deveria florescer o cristianismo renovado pela Contra Reforma. Daí o papel central da Companhia de Jesus na catequização do “Novo Mundo.”

⁴ A autoria das Constituições da Companhia pode ser problematizada, pois apesar de Loyola ser seu idealizador e revisor a escrita das mesmas teria sido realizada por seu secretário Juan Alfonso Polanco.

⁵ A força da escrita foi tema abordado pelo teórico Michel de Certeau. Segundo ele, a escrita: “[...] acumula, estoca, resiste ao tempo pelo estabelecimento de um espaço e multiplica sua produção pelo expansionismo da reprodução.” (CERTEAU in CHARTIER, 1998, p.5)



Dentre as principais funções cumpridas pela correspondência mantida entre os membros da Companhia de Jesus, Pécora destaca: “[...] o da informação, o da reunião de todos em um e, enfim, o da experiência mística ou devocional.” (PÉCORA, 1999, p. 381) Considerando a ideia da “reunião de todos em um”, a psicóloga Csikszentmihalyi, ressalta que a Companhia buscou: “[...] integrar as existências de seus membros num projeto envolvente, comprometedor e unitário.” (CSIKSZENTMIHALYI In: MASSIMI, 1997, p. 82).

Desse modo, as cartas enviadas ao Padre Provincial e, depois, ao Padre Geral em Roma mostravam o rumo que as ações empreendidas junto às populações nativas tomavam, apontando para a constatação de erros e acertos e para a necessária revisão das medidas tomadas. As cartas serviam como uma estratégia de aproximação entre os membros distantes e, na maioria das vezes, imersos em uma realidade completamente diversa da do remetente, assim como para buscar uma homogeneização das ações. Segundo Londoño: “Tal sistema de informações permitiu, pelo menos, a procura de alguma uniformidade das políticas numa infinidade de ações às vezes discordantes.” (LONDOÑO, 2002, p. 16)

Acreditamos que, para além do papel que esta correspondência cumpria no seio da Companhia, tanto entre semelhantes, quanto entre membros de posições hierárquicas diferenciadas⁶, as cartas jesuíticas fornecem todo um universo de significações ligadas ao contexto de sua produção. Nas entrelinhas do texto é possível verificar compreensões de mundo e concepções teóricas que foram trazidas para a América para serem aplicadas no dia a dia da missão ou ressignificadas, conforme a necessidade que se apresentasse.

Neste artigo, apresento a análise de três Cartas Ânua⁷ da Província Jesuítica do Paraguai referentes aos anos de 1714-20, 1720-30 e 1730-35, me detendo, essencialmente, nas informações relativas às *artes de curar* referidas pelos missionários. Nestas correspondências enviadas a Roma estão presentes tanto as concepções de saúde e de doença, quanto as descrições de práticas curativas e as teorias de medicina vigentes na Europa, que serão acionadas para o tratamento das enfermidades ou durante as epidemias que se abatiam sobre

⁶ Em relação às cartas da Companhia, segundo Hansen: “formaliza[m] o destinador e o destinatário segundo as adequações hierárquicas da Companhia e do Império, observando-se nela a permanência dos 3 decoros das antigas *artes dictaminis*: dirigida a superior, não pode ser jocosa; a igual, não pode ser descortês; a inferior, não pode ser orgulhosa.” (HANSEN, 1995, p. 93)

⁷ As Cartas Ânua tinham como base os relatórios anuais que o Provincial recebia dos superiores das residências, colégios, universidades e missões junto aos índios, sendo redigidas pelos secretários ou por pessoas com capacidade para escrevê-las, designadas pelo Provincial. Vale lembrar que cabia a esta correspondência unir, por meio da escrita, os diversos e esparsos membros da Companhia de Jesus, promover uma propaganda edificante que inspirasse novas adesões e, ainda, compartilhar as experiências alcançadas, de maneira a tornar as missões mais frutíferas pela troca de informações.



as populações autóctones. Evidentemente, não desconsidero os conhecimentos tomados de empréstimo dos nativos pelos jesuítas, em especial, da farmacopéia, mas não me deterei nestes aspectos no presente artigo.

A Medicina eclesiástica na correspondência jesuítica. Província Jesuítica do Paraguai (Século XVIII)

O século XVIII foi um período de grandes avanços científicos na Europa. A progressiva laicização dos Estados Nacionais que tem sua culminância com as Monarquias Ilustradas, e que no caso espanhol está representada pelas reformas bourbônicas⁸ assim como os esforços dos autores franceses na composição da Enciclopédia⁹ serviram de impulso à crescente busca pela cientificidade na Europa. Este período de transição, apesar de aberto a novas perspectivas, manteve consigo permanências. No que se refere à Medicina e às artes de curar, essa realidade não foi diferente.

A medicina hipocrático-galênica¹⁰, *corpus* teórico que regia as artes de curar desde a Antiguidade clássica, baseava-se fundamentalmente no equilíbrio dos quatro humores básicos¹¹, influenciados pelos agentes utilizados para a cura, contrapostos entre quente e frio, seco e úmido. No século XVIII, a teoria humoral havia passado por inúmeras transformações e sofria diversas críticas, o que não impedia que continuasse sendo empregada pelos esculápios oitocentistas, como se pode constatar nesta passagem em que o padre relator da carta, falando sobre a missão de Chiquitos, destaca que: “*Hay que cuidar a los enfermos, no sólo espiritualmente, sino también corporalmente, proporcionándoles medicinas, sangrándolos y hasta hacer operaciones cirúrgicas.* (C.A. 1714-20, [1928], p. 39)

Dentre os aspectos considerados por esta teoria, estavam os relacionados com o tempo e a localização geográfica, assim como aqueles relativos ao ar e ao ambiente. Nesta

⁸ Processo de modernização e consolidação do Estado espanhol, que, influenciado pelo Iluminismo determinava medidas de centralização do poder. “Coerente com sua ênfase na clareza de raciocínio, o Iluminismo preferia a unidade e a uniformidade às distinções múltiplas. No caso governamental, isto significava a manutenção do ideal de estado unitário não embaraçado pela existência de corporações independentes.” (SCHWARTZ e LOCKHART, 2002, p.400)

⁹ A *Encyclopédie* foi editada na França por Denis Diderot e Jean d’Alembert no século XVIII. Contou com artigos de Rousseau, Voltaire entre outros e foi publicada pela primeira vez em 1751.

¹⁰ A medicina hipocrático-galênica consistia na união dos conhecimentos do grego Hipócrates 460/370 a.C e de seu seguidor, o romano Galeno 130/200.

¹¹ Os humores seriam – sangue, fleuma, bile amarela e bile negra – que deveriam estar em equilíbrio para que o corpo não adoecesse. As terapêuticas curativas previam a ação de agentes contrários aos desencadeadores do desequilíbrio, mediante sangrias, purgas e a ingestão de vomitivos.



teoria, o regime dos ventos ou a frequência das chuvas podiam determinar tanto o surgimento de doenças, quanto favorecer a cura. Também esta concepção está presente nas Cartas Anuais, como nesta passagem referente ao falecimento do padre Juan Ignacio de Astudillo, do Colégio de Rioja:

Fue enviado a la estancia del colegio para respirar aire más salubre, pero enfermándose más, volvió al colegio, para buscar conveniente remedio. Murió en el mismo camino, el día 8 de Febrero, un año después de su profesión, a los 23 años de Compañía, y 42 de su edad. (C.A.1730-35, [1928], p. 88)

Fica presente também que a variação constante do ambiente era reconhecida como um aspecto negativo e geralmente prejudicial a saúde. Ao narrar a tentativa de missionar a região de Tarija o relator ressaltava que: “[...] *tiene mal clima, reinando allí en una misma época del año ahora gran frio, ahora gran calor, abundando siempre las molestias e incomodidades para los que tienen que viajar por allí.*” (CA. 1730-35 [1928], p.107)

A narrativa jesuítica buscava reforçar casos edificantes em que o poder de Deus fosse ressaltado, afinal toda a justificativa da missão estava embasada na ideia de *ad maiorem Dei gloriam*.¹² Nesse sentido, um caso exemplar está relatado na carta de 1730-1735, em especial, no necrológio¹³ dedicado ao padre Antônio Sepp¹⁴. Segundo o relato, durante uma grande seca que estava acabando com as colheitas “*En el pueblo de Asunción (vulgo Cruz)*” uma criança definida pelo padre como “*niñito*” veio a falecer. Quando já havia “*reunido toda la gente para los funerales del niñito*” e não restava nada, “*sino meter en la fosa el cadáver del niño, y cerrarla*”, o padre Sepp iniciou uma prédica, dirigindo seu pedido de intercessão diretamente à criança falecida:

¡Ea, pequeña alma feliz! Ya disfrutas las delicias sempiternas del cielo! ¡No te olvides de los que has abandonado! Pues, sabes que necesitan con qué alimentarse en la tierra! Fíjate en esta multitud de tus paisanos y parientes: mire estos grupos de niños y niñas, tus hermanitos y hermanitas inocentes, y acude a sus súplicas. Se arruinan los campos por la sequía, y ellos tienen que perecer por le hambre: Pues: **¡Líbralos de este mal que los amenaza, alcanzándoles de Dios abundante lluvia!**” **Echáronse todos a llorar al oír semejantes palabras, y el mismo Padre no pudo contener sus lágrimas. Pero mezclóse con ellas una copiosa lluvia, producida al momento por Dios. No habían salido todavía del cementerio, cuando el cielo, ántes sereno, se cubrió con nubes, comenzando a llover sin demora y por largo**

¹² Para maior Glória de Deus.

¹³ Nas Cartas Anuais existem diversas notícias sobre falecimentos, porém nem todos podem ser considerados necrológicos, que consistiam no obituário elogioso destinados aos padres que mais houvessem se destacado em suas atuações.

¹⁴ Nas cartas analisadas, um dos elogios mais longos foi para o padre Antônio Sepp, com cerca de 13 páginas. Entre outras coisas é narrado seu dom musical, largamente usado em favor da conversão. Teria falecido no ano de 1733, com 77 anos de idade e 58 de Companhia.



rato. Llovió todo el resto de la tarde y por la noche subsiguiente, con /171/ gran admiración de toda la población. (CA. 1730-35 [1928], p.170, 171) (grifo meu)

Outro aspecto relevante das narrativas jesuíticas é o destaque dado às descrições de pestes e epidemias que grassaram no ambiente missioneiro. Fruto, em grande medida da falta de anticorpos das populações nativas diante do avanço das doenças trazidas pelos europeus e, muitas vezes, pelos próprios missionários, e também dos ambientes pouco propícios para grandes aglomerações humanas, tanto pela falta de alimentos, muitas vezes referida, como pela higiene precária dos mesmos. O fato é que milhares de pessoas pereceram na Província Jesuítica do Paraguai na primeira metade do século XVIII¹⁵. Como bem destaca Haubert:

La concentración de varios millares de indios en una sola aldea revoluciona de tal manera la economía tradicional. ... Al debilitar a los indios, esta hambre favorece la propagación de enfermedades importadas, contra las cuales su organismo no tiene defensa. Más o menos violentas, más o menos fulminantes, siempre, al decir de los propios jesuitas, las epidemias causan estragos entre las nacientes cristiandades; y la concentración de los catecúmenos no hace sino favorecer la hecatombe (Haubert in Fleck, 2004, p. 647).

Como já citamos anteriormente, em períodos de transição, como foi o século XVIII, é comum que sistemas de pensamento se complementem e se interpenetrem, sem necessariamente se excluam. Tratando sobre a epidemia que acometeu o noviciado de Córdoba, no ano de 1731, e as perdas humanas que provocou, o relator da Ânua afirma:

Procuróse remediar tantos males por una novena ofrecida al Apóstol de las Índias, y al terminarla cayó una copiosa lluvia del cielo, la cual templo tanto la atmosfera ardiente y malsana, que en poco tiempo acabó la epidemia. Para que fuese mas patente este beneficio proporcionado por el Santo a sus devotos, se notó que dos leguas más adelante de nuestra estancia no llovió en toda aquell comarca. (CA. 1730-35 [1928], p. 38)

Nota-se neste excerto que o fim da epidemia teria se dado em decorrência da chuva que caiu e *“templo tanto la atmosfera ardiente y malsana”*, e que ela só chegou devido à novena previamente oferecida ao Apóstolo das Índias¹⁶. Desse modo, mesmo que a explicação para o fim da epidemia esteja ligada à teoria hipocrático-galênica, ela só se deu pela intervenção divina, aspecto que é reforçado pelo fato de que *“se notó que dos leguas más adelante de nuestra estancia no llovió en toda aquell comarca”*.

¹⁵ Para maiores informações acerca da demografia nas missões ver obras de Ernesto Maeder.

¹⁶ Assim ficou conhecido o jesuíta Francisco Xavier, que nasceu em 1505 e faleceu em 1552. Por ter sido um dos co-fundadores da Companhia e por sua destacada atuação nas primeiras missões levadas a cabo pela Companhia de Jesus tornou-se o modelo por excelência de missionário. Foi canonizado em 1622, junto com Ignacio de Loyola.



Apesar do destacado papel atribuído à Providência divina, a população atendida pelos jesuítas não ficava exclusivamente a sua mercê. A possibilidade de contágio levava os padres a tomarem medidas de prevenção que impedissem a transmissão da doença. Na carta de 1720-1730, um relato sobre o ocorrido no Colégio de Tarija é marcante nesse sentido. Uma epidemia de varíola, que durou de junho a setembro de 1726, “*azotó a toda aquella comarca, y quitó la vida a muchísima gente.*” Logo em seguida, o padre relator empenha-se em destacar a ocorrência de novo surto epidêmico, porém, as circunstâncias que descreve são outras:

Por colmo de desdicha, siguió después de tres meses otra epidemia, la cual había causado ya inmensos estragos en Lima y en Cuzco, ciudades principales del Perú. Por suerte nos habíamos ya provisto con una buena reserva de medicamentos, llegados de allá; así se pudo cortar el contagio en Tarija, donde habían sido atacadas ya familias enteras, con la consiguiente molestia de los Padres que los tuvieron que auxiliar. (CA. 1720-30 [1928], p. 129).

A passagem acima vem demonstrar que os padres, ao receberem a notícia do avanço da epidemia, puderam prevenir-se com boa reserva de medicamentos que inclusive eram “*llegados de allá*”. Podemos inferir que juntamente com as informações sobre a doença, os emissários levavam medicamentos para que os doentes fossem tratados e o contágio não se alastrasse. A circulação de informações sobre o que acontecia em outros espaços missionais e com os outros membros da Companhia ocupa aqui um papel fundamental, impedindo o avanço de uma epidemia.

Ainda que os jesuítas tenham se destacado no atendimento aos enfermos, como fica atestado nos trechos acima transcritos, os jesuítas também se esforçavam em descrevê-los como atos explícitos de caridade, em decorrência da ausência – ou do número insuficiente – de profissionais de cura leigos na América. O papel que cabia aos membros da Companhia no tratamento dos doentes fica evidenciado na Carta de 1714-1720. Narrando os fatos havidos no Colégio de Asunción, o padre informa: “*En el tiempo de la común epidemia han servido los nuestros a los apestados, socorriendo a muchos con generosas limosnas, y asistiendo a los moribundos con los consuelos de la religión como es su oficio.*” (CA. 1714-20 [1928], p. 17)

Dois aspectos podem ser destacados deste pequeno trecho da carta. Em primeiro lugar, a prática de ajudar as pessoas com “*generosas limosnas*”. Devemos ter presente que, apesar de a expulsão da Companhia de Jesus dos territórios coloniais americanos ter se dado somente em 1767, um longo processo de desgaste da imagem da Ordem se deu nos anos anteriores. Um dos principais argumentos utilizados pelos inimigos dos jesuítas era justamente o acúmulo de riquezas. Assim, a referência às esmolas que eram dadas aos



necessitados pode ser vista como uma estratégia discursiva de defesa utilizada pela Companhia.

Um segundo aspecto a considerar é o reforço da ideia de que a função primordial dos membros da Companhia de Jesus era a de ajudar aos doentes “*con los consuelos de la religión como es su oficio.*” Desde 1576, uma Bula papal – de Gregório XIII – dava permissão aos jesuítas para exercerem ofícios ligados à cura e ao consolo dos doentes. Essa prática, porém, não poderia se dar de maneira indiscriminada. Somente membros “*entendidos en medicina*” poderiam atuar e apenas “*en el caso de que no pueda comodamente acudir a los médicos seglares.*” (LEONHARDT, 1937, p.103, 104) Dessa forma, os jesuítas justificavam sua atuação nas *artes de curar* na falta de profissionais leigos e na prática da caridade cristã, o que fazia com que se dedicassem não apenas à cura da alma.

Esta – salvação da alma -, no entanto, ocupa um espaço destacado nas Cartas Ânuaas. Tanto a salvação da alma dos autóctones, ainda ignorantes da verdadeira fé, que seria alcançada através do batismo e da administração dos sacramentos na iminência da morte, quanto a salvação da alma dos próprios missionários, através de uma atuação caritativa. Em relação a esta última, a busca da vida virtuosa e do martírio alcançam grande importância na trajetória de um missionário. Assim, ao narrar a epidemia havida no ano de 1733 – que teria tirado a vida de 12933 pessoas entre os povos de “*Nuestra Señora de Fé, San Ignacio Guazú, Santa Rosa, Loreto, San Lorenzo, La Cruz, y Yapeyú*” – o relator não deixa de destacar com certo regozijo que:

[...] consoláronse mucho los Padres que las habían bautizado, de que en un sólo año pudieron presenciar, como iban la morada de los bienaventurados del cielo tan considerable enjambre de almas inocentes, para alabar a Dios eternamente, y dar inmortales gracias a la Compañía por el inestimable beneficio recibido por sus miembros. (CA. 1730-35 [1928], p. 127)

No que concerne aos missionários que perderam sua vida no contato direto com as populações atingidas pelas epidemias, diversas são as passagens presentes nos necrológios que exaltam a aceitação resignada de algum jesuíta, como se pode constatar no necrológio do irmão Antonio Martínez, que faleceu com 32 anos de idade, sendo 8 de atuação pela Companhia. Segundo o relator, o irmão havia sido enviado “*a socorro de los indios y morenos de servicio en nuestra estancia de Santa Catalina*” por estarem contagiados por uma epidemia, ali o mesmo “*se contagió con la peste, la cual le aseguró el premio celestial por su trabajo glorioso...*” (CA. 1714-20 [1928], p. 5)

A descrição de situações como estas, que deixam evidente o caráter edificante das cartas, orientava a elaboração e predominam nas Ânuaas que analisei. Os sucessos atribuídos à



Divina Providência, no entanto, contam com uma série de justificações e indícios que buscavam comprovar a legitimidade do discurso do relator. Consulta a profissionais leigos, descrição dos ambientes onde o possível milagre ou ato edificante teria ocorrido visavam conferir veracidade ao fato descrito.

Vale ressaltar que, para além das narrativas edificantes, transparece também nas Ânuas certa influência das ideias iluministas em voga no período, e que eram acomodadas no sistema de pensamento vigente. Isto pode ser observado no necrológio do irmão escolástico Juan José de Toledo, que faleceu com 23 anos de idade, sendo nove deles dedicados à Companhia. O relator ressalta que o dito Toledo sofria com muitas doenças, sendo que “*Apenas se aliviaba de una enfermedad, cuando caía en outra*”, até que uma de suas pernas foi consumida por uma apostema¹⁷. Buscando recuperar sua perna, o irmão Toledo dirigiu uma novena a Santo Antonio de Pádua e conseguiu curar-se. Conforme é apresentado na carta: “*Atribuyóse a un prodigio esta curación, porque el mismo obispo lo tuvo por tal, después de haber sujeto a un interrogatorio al cirujano que le trataba*”¹⁸.” (CA. 1730-35 [1928], p.23) (grifo meu)

Outra passagem que expõe a predominância de registros edificantes, de forte apelo mágico-espiritual, é encontrada na carta de 1720- 1730. Nela é relatado que no colégio de São Miguel, uma imagem de São Francisco Xavier em vestes de peregrino havia começado a suar na cabeça, no rosto e nas mãos, não se encontrando uma explicação natural para tal fato. “*El cielo estaba sereno en este momento, y enjuto el cielo raso del aposento.*” O fato foi tido como prognóstico de tristes acontecimentos, tanto que a imagem foi trasladada e iniciou-se uma novena em honra ao apóstolo. Porém, o relator faz questão de destacar que “*Levantóse informe jurídico de este hecho por intervención de la autoridad eclesiástica.*” (CA. 1720-30 [1928], p. 78 e 79)

¹⁷ No dicionário de Bluteau encontra-se a seguinte definição: “Apostema he hum tumor preternatural, causado de hum humor, que do seu proprio lugar se foi metter, & em certo modo encantar em outro, até vir a suppurar, & rebentar depois de maduro. Poem os Medicos no numero dos Apostemas aos fleimoens, bostelas, crispelas, gangrenas, serros, estiomenas, & outras excrecencias , & tumores preternaturaes.” (BLUTEAU, 1728, p. 436, 437)

¹⁸ É importante destacar que após ser curado o mesmo jesuíta pediu a Deus que, se fosse sua vontade, que ele voltasse a adoecer: “*Por lo tanto, con la indiferencia de querer la salud o la enfermedad, se diigió de nuevo a aquel Santo; pidiendo con instancia, que, en caso de que su salud no era para la Mayor Gloria de Dios, le devolviera la enfermedad. Y se le escuchó, alegrándose él mucho de que se hiciera con él la voluntad de Dios, y mucho más, al notar que se le acercaba la muerte.*” (CA. 1730- 35 [1928], p.23)



Relíquias e remédios com alguma atribuição de caráter sagrado também eram largamente empregados durante o período, sendo referência constante nas Cartas Ânuaas. Henrique Carneiro, referindo à sociedade medieval, considera que: “relíquias, orações, novenas, águas e óleos bentos [...] são o veículo oficial exclusivo da esperança de cura e de consolo” (CARNEIRO, 1994, p. 29), assim, a ação dos mesmos seria no sentido de intermediar a relação entre aqueles que sofrem com as doenças e Deus.

Os relatos apontados nas Cartas demonstram que essas relíquias e imagens sagradas podiam ser usadas de maneira exclusiva ou combinadas com práticas características da medicina acadêmico-oficial. Podiam também ser utilizadas antes de medicamentos ou quando a situação fosse considerada irreversível do ponto de vista médico. É o caso de uma mulher do povoado de *Jesús*, que apesar de falecer, deu à luz – sem que fosse necessária a intervenção cirúrgica –, somente com a utilização de uma medalha de Santo Ignacio:

Un caso muy singular hubo el año de 1722 en el pueblo de Jesús. Hubo allí una señora embarazada de seis meses, tan gravemente enferma, que estaba ya para morir. Toda la familia estaba afligida, y ella más que todos, y esto por la única razón de que se le muriese su hijo por nacer, sin alcanzar el bautismo. Habíase, en previsión de esto, preparado todo para una operación cirúrgica, que se iba a hacer luego muerta ella, para tentar el bautismo de la criatura. Dios le inspiró un remedio más eficaz. Confesóse, y pusóse después la medalla de San Ignacio, poniendo su confianza en él. No se engañó; pues, apenas puesto la medalla, pudo dar a luz a la criatura, la cual sin demora fue batizada. Con esto se tranquilizó la enferma, y murió plácidamente en el Señor. (CA. 1720-30 [1928], p. 159)

Outra situação refere a utilização de uma imagem após o emprego – sem sucesso – de remédios ou terapias curativas embasadas na teoria hipocrático-galênica. “*En 1722 hubo un niño de 3 años, gravemente enfermo de disenteria, ya por un mes entero, sin que tuviera efecto ninguna medicina. Se le dio al fin Agua de San Ignacio, y al instante sanó.*” (CA. 1720-30 [1928], p. 160) Também alguns missionários alcançaram o *status* de homens santos – tanto para os indígenas, quanto para a Companhia de Jesus –, o que decorria da sua atuação como “médicos do corpo e da alma” e de suas condutas exemplares. Esta condição fica evidenciada, especialmente, nos necrológios, onde pedaços de suas vestes eram disputados para serem usados como relíquias. Ao relatar a morte, no ano de 1718, do padre Antonio Parra, com 61 de idade, o relator destaca que: “*Celebro sus exequias en nuestra iglesia el mismo obispo, durante las cuales, por la fama de santidad del difunto, los fieles querían proporcionarse reliquias de sus vestiduras.*” (CA 1714-20 [1928], p. 6)

Além das relíquias, também a astrologia ocupava – ainda – importante função explicativa para a garantia da saúde ou para a doença durante o século XVIII, pois mantinha-



se a crença de que a mesma agia sobre as plantas, os animais e as pessoas. Acreditava-se que os astros determinavam o momento adequado para o plantio e as colheitas e, também, para a administração de determinadas práticas terapêuticas. Ainda que Keith Thomas escreva sobre o século XVI inglês, acredito que sua definição seja aplicável também aos Setecentos: “A astrologia era, assim, menos uma disciplina separada que um aspecto de uma imagem do mundo aceita por todos. Ela era necessária para o entendimento da fisiologia e, portanto, da medicina.” (THOMAS, 1991, p. 238)

Ao destacar uma peste ocorrida durante os anos de 1732-34 (e que quase dizimou cerca de 30.000 almas), o padre responsável pelas reduções do Paraná e Uruguai ressaltou que: *“Parece que anunció estos males, y los que en los años siguientes sobrevinieron también a los demás pueblos, un cometa, aparecido el mes de Mayo de 1733, visible a la constelación del Orión.”* (CA, 1730-35, [1928], p. 144) A astrologia nesse período, como bem destacou Thomas, faz parte de “uma imagem do mundo aceita por todos”, e ainda que não alcance mais um *status* próximo ao de Ciência, que tivera no XVI, ela ainda ocupava um papel fundamental na sociedade, ganhando, dessa forma, expressão na narrativa jesuítica. Mais do que as concepções de saúde e de doença próprias do universo europeu e a combinação de referenciais da medicina acadêmico-oficial com os saberes mágico-religiosos para o controle eficiente das enfermidades, as Cartas Ânuaas do século XVIII refletem a importância que a cura das almas e dos corpos tinha para a Companhia de Jesus, não apenas para legitimar o trabalho apostólico, mas para garantir a salvação das almas de seus próprios membros.

Considerações Finais

As Cartas Ânuaas cumpriram importante papel na constituição da própria Companhia de Jesus, informando sobre êxitos e fracassos, reafirmando e reavaliando práticas junto às populações nativas com as quais seus membros entraram em contato. Ainda que na segunda metade do século XVII e na primeira do século XVIII, sua periodicidade já não fosse a mesma, é inegável o papel informativo e mesmo normativo que essas narrativas epistolares possuíam. Para além das funções que cumpria no seio do Instituto, esta correspondência, mais do que revelar as motivações dos seus remetentes, serve para melhor compreendermos o complexo processo que resultou do contato entre a Europa e a América, entre os missionários e os indígenas sul-americanos.



Como bem destacou Adone Agnolin (2007), tentar compreender o período do Antigo Regime buscando separações excessivamente racionais entre Ciência e Religião seria incorrer em um grave anacronismo¹⁹. Justificando sua atuação pela caridade, esses homens de fé não se furtaram, quando necessário, de usar a lanceta²⁰, procurando curar os corpos com a mesma motivação que buscavam curar as almas. Consonantes com seu contexto histórico e também com o lugar institucional que ocupavam, preocuparam-se em demonstrar o papel central que Deus ocupava na garantia da saúde e na cura da doença. Ao mesmo tempo em que recorriam às relíquias sagradas, à água benta e às orações, citavam Hipócrates como o grande referencial para aqueles que exerciam as *artes de curar* e faziam questão de conhecer obras como a do holandês W. Piso,²¹ que esteve no Nordeste brasileiro, integrando a comitiva de Maurício de Nassau, no século XVII.

Esta postura – de busca e de aceitação do conhecimento científico – adotada por muitos dos missionários jesuítas que atuaram nos mais diferentes continentes pode ser comprovada em várias das *Ânuas* setecentistas que analisei. Uma destas situações fica evidente no relato sobre a imagem do santo que “suou”, sendo que o padre relator acrescentou que não havia justificativa natural para que isto ocorresse. Outra situação que aponta para a adoção desta postura é a que refere que determinado padre se curou sem explicação racional, o que fez com que o cirurgião que o acompanhava fosse consultado. Como se constata nestes registros que selecionei das *Ânuas*, a combinação de procedimentos embasados na Medicina oficial com procedimentos que poderíamos denominar de “medicina eclesiástica” parece comprovar que Religião e Ciência se complementavam também nos espaços missionais que a Companhia de Jesus instalou na América meridional. Religião e ciência continuavam fazendo parte de um mesmo universo mental. Não se anulavam, antes, complementavam-se. As *Cartas Ânuas* são pano de fundo deste cenário que dá luz aos homens que o vivenciaram.

¹⁹ Em relação a este aspecto, o mesmo autor adverte que “se nós identificarmos, nessa época, estruturas antinômicas entre aquelas do conhecimento científico e aquelas que dizem respeito às oscilações e inquietações da vida religiosa, se nós colocarmos uma distinção demasiado nítida entre esses dois universos culturais, corremos o risco de não compreender uma inteira época na qual não existiu, de forma tão nítida, uma tal separação entre a concepção do homem, a visão do mundo natural e o obsequio para a lei divina.” (AGNOLIN, 2007, p. 430.)

²⁰ Principal instrumento para a realização das sangrias.

²¹ O irmão jesuíta Pedro Montenegro chegou a observar: “[...] *pero pasados diez y ocho años de inquisicion llegando á mis manos las obras de Guillermo Pisson, y las de Jacobo Bonti, informado mejor de sus circunstancias vine á descubrir.*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 101)



Fontes Documentais.

CARTAS ÂNUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisa (IAP/UNISINOS), Transcrição de Carlos Leonhardt, S. J. [1928], 1994. (mimeo) (1714- 1720)

CARTAS ÂNUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisa (IAP/UNISINOS), Transcrição de Carlos Leonhardt, S. J. [1928], 1994. (mimeo) (1720-1730)

CARTAS ÂNUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisa (IAP/UNISINOS), Transcrição de Carlos Leonhardt, S. J. [1928], 1994. (mimeo) (1730-1735)

MONTENEGRO, Pedro. *Matéria Médica Misionera*. Buenos Aires: Edición de la Biblioteca Nacional de Buenos Aires, 1945.

Referências.

AGNOLIN, Adone. **Jesuítas e Selvagens. A negociação da fé no encontro catequético-ritual americano- tupi**. São Paulo: Humanitas Editorial, 2007.

BAUMGARTNER, Mireille. **A Igreja no Ocidente- Das Origens às Reformas no Século XVI**. Lisboa: Edições 70, 2001.

CARNEIRO, Henrique. **Filtros, Mezinhas e Triagas: as drogas no mundo moderno**. SP:Xamã, 1994.

CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (orgs.) **História da Leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. A morte no centro da vida: reflexões sobre a cura e a não-cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-75). **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, RJ, v. 11, n. 03, p. 635-660, 2004.

HANSEN, João Adolfo. O Nu e a Luz: Cartas Jesuíticas do Brasil. Nóbrega- 1549- 1558. **Revista do Instituto de Estudo Brasileiros**, n. 38, 1995, p. 87- 119.

LEONHARDT, Carlos. Los jesuítas y la medicina en el Río de Plata, **Estudios**, 57, Buenos Aires, 1937, p. 101-118.



LONDOÑO, Fernando Torres. Escrevendo cartas. Jesuítas, escrita e missão no século XVI.

Revista Brasileira de História, São Paulo: ANPUH, n. 43, p. 11-32, 2002.

MASSIMI, M. (org.). **Navegadores Colonos e Missionários Na Terra de Santa Cruz: Um Estudo Psicologico da Correspondência Epistolar**. São Paulo: Loyola, 1997.

PÉCORA, Alcir. Cartas à Segunda Escolástica. In: Novaes, Adauto (org.). **A outra margem do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999., p.373- 414.

RODRIGUES, L. F. M. A *Formula scribendi* na Companhia de Jesus: origem, paleografia e fontes documentais para o estudo da ação dos Jesuítas. In: **X Encontro Estadual de História - ANPUH-RS**, 2010, Santa Maria. O Brasil no Sul: cruzando fronteiras entre o regional e o nacional, 2010.

SCHWARTZ, Stuart B. LOCKHART, James. **A América Latina na época colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

THOMAS, Keith. **Religião e o Declínio da Magia**. São Paulo: Ed. Schwarcz, 1991.

Recebido em 15 de julho de 2012
Aprovado em 18 de outubro de 2012